

DATALUTA



BOLETIM DATALUTA

Uma publicação do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.
Presidente Prudente, fevereiro de 2023, número 182. ISSN 2177-4463.

www.fct.unesp.br/nera

ARTIGO DATALUTA

PERMANÊNCIA E AS SEMENTES: AS TERRITORIALIDADES DA PJR EM ANCHIETA-SC.

ARTIGO DO MÊS

20 ANOS DA LEI 10.639/03: PENSAR UMA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA ALÉM DO CAPITAL

Acesse aqui: <https://www.fct.unesp.br/#!/pesquisa/dataluta/periodicos-dataluta/boletim-dataluta/>

EVENTOS

XV ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA
Universidade Federal do Tocantins – UFT - Palmas – TO, de 9 a 13 de outubro de 2023.

PUBLICAÇÕES, VÍDEOS E POD TERRITORIAL



Livro: **Geografia da Soja III: novas fronteiras da técnica no Vale do Araguaia** – Organizadoras: **Júlia Adão Bernardes e Roberta Carvalho Arruzzo**.
Para baixar:

<http://nuclamb.geografia.ufrj.br/geografia-da-soja-iii-novas-fronteiras-da-tecnica-no-vale-do-araguaia/>



Realização: Rede DATALUTA.

Canal de webinars da Rede DATALUTA, a rede de grupos de pesquisas em Geografia Agrária mais ampla do Brasil. Confirmam os vídeos que já estão disponíveis, resultados de seminários virtuais com os mais variados temas!

Para ver:

<https://www.youtube.com/c/REDEDATA LUTA/videos>



Webinar Rede DATALUTA

Autores: Vários

O Podcast Unesp, em parceria com a Cátedra Unesco Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial, publica semanalmente noticiário sobre Reforma Agrária, povos de diferentes etnias, questões geográficas e outros assuntos que colaboram significativamente no desenvolvimento social.

Para ouvir/baixar:

<http://podcast.unesp.br>

PodCast Unesp – Pod Territorial.

EQUIPE:

Revisão, Edição e Coordenação: Aline Albuquerque Jorge, Bruna Gonçalves Costa, Danilo Valentin Pereira, Gerson Antonio Barbosa Borges, Jhiovanna Eduarda Braghin Ferreira, José Sobreiro Filho, Lara Dalperio Buscioli, Lucas de Brito Wanderley, Leonardo Lencioni Mattos Santos, Letícia Alves Leonardo e Wilians Ventura Ferreira Souza.

Leia outros números do **BOLETIM DATALUTA** em
<https://www.fct.unesp.br/#!/pesquisa/dataluta/periodicos-dataluta/boletim-dataluta/>

PERMANÊNCIA E AS SEMENTES: AS TERRITORIALIDADES DA PJR EM ANCHIETA-SC.

Claudia Baumgardt

Mestranda em Geografia

Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São Paulo.

claudia.baumgardt@unesp.br

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado dos estudos de análise territorial provocados pelas aulas de metodologia em geografia no programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL). Tem como objetivo analisar o papel das sementes crioulas como estratégia de resistência para a permanência das juventudes no campo, a partir da experiência da Pastoral da Juventude Rural (PJR) no município de Anchieta-SC.

Diante da conjuntura de avanço do Agronegócio e suas políticas devastadoras e excludentes, torna-se imprescindível discutir os projetos de resistência a ele que se territorializam junto dele, expressando o contraponto a sua devastação social e ecológica. No caso deste estudo destacaremos dois elementos importantes em todos os processos de produção que se contrapõem a lógica monocultora e transgênica, que são a permanência das juventudes no campo e as sementes crioulas em Anchieta, reconhecida pela Lei Federal de Nº 13.562, de 21 de dezembro de 2017, como a Capital Nacional da Produção de Sementes Crioulas¹.

Ao observar a multiterritorialidade de Anchieta, buscaremos compreender os territórios forjados pelo projeto das sementes crioulas, e o seu contraponto a territorialização do agronegócio. Compreender as Juventudes da PJR e sua formação do sujeito, bem como os territórios esculpidos por estas elas e suas subjetividades. Ainda evidenciar a importância da permanência das juventudes no campo, e a construção de novas relações sociais de gênero e produção, que contrapõe esta lógica capitalista patriarcal excludente.

METODOLOGIA

O estudo expresso nesta produção foi realizado através de levantamento bibliográfico para compreender os conceitos geográficos evidenciados no território analisado. Também desenvolveu-se entrevistas com perguntas previamente elaboradas, e devido as condições sanitárias da pandemia da Covid-19, estas foram realizadas pela plataforma do Google Meet, gravadas individualmente e posteriormente transcritas e análise de forma qualitativa.

As entrevistas foram feitas com duas jovens militantes coordenadoras da Pastoral da Juventude Rural em Anchieta, sendo que me remeterei as mesmas como “Jovem A” e “Jovem B”. A ‘Jovem A’, reside na comunidade São Paulo localizada no interior, tem 18 anos de idade, e contribui na coordenação municipal e regional da PJR, a ‘Jovem B’ é militante a 4 anos, tem 19 anos e reside na Linha São José, localizada também no interior de Anchieta, e integra a coordenação municipal e regional da PJR. Ainda foi entrevistada uma companheira militante do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), a qual nos remeteremos como “Companheira”, ela é agricultora aposentada, tem 70 anos, mãe de três filhos e reside em Anchieta a 68 anos, participou de todo o projeto de resgate e cultivo das sementes crioulas, característico do município e de sua história.

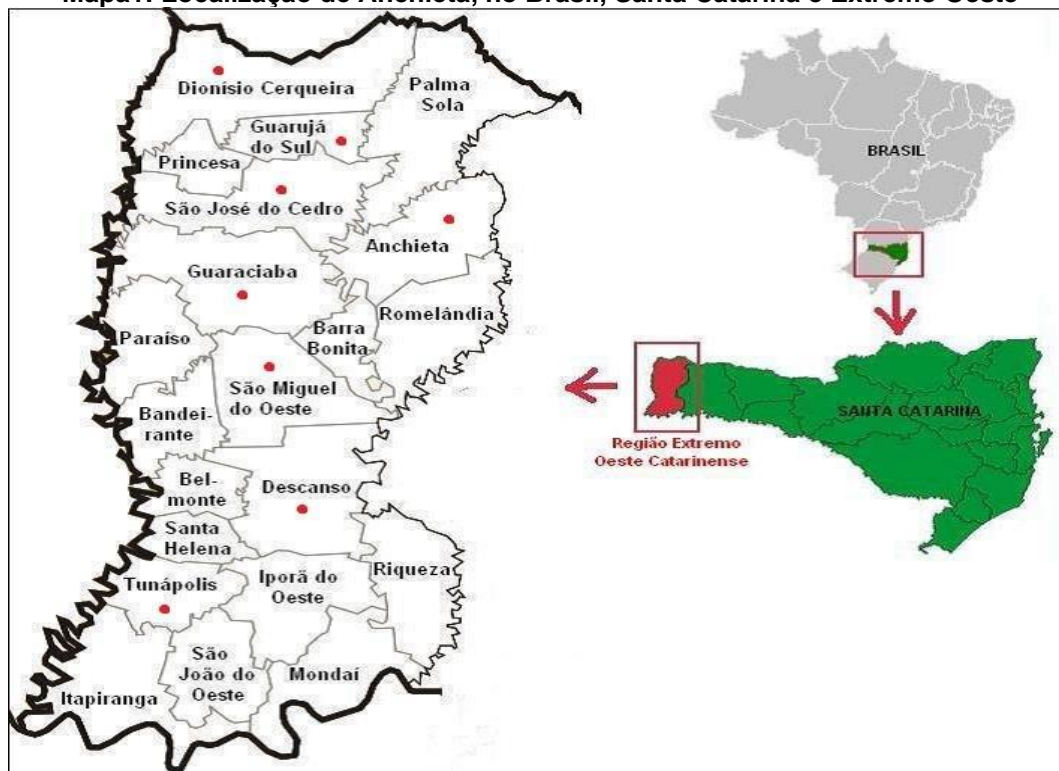
PJR, SEMENTES CRIOULAS E A MULTITERRITORIALIDADE DE ANCHIETA-SC

As relações voltadas a manutenção das práticas agroexportadoras que por hora caracterizam o país, também se articulam no território analisado por este artigo, partiremos neste subtítulo das territorialidades construídas que se colocam em resistência a este modo de produção para o campo. A região da qual tratamos é o Extremo Oeste de Santa Catarina (Ver mapa abaixo), de um município

¹ <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13562-21-dezembro-2017-785985-publicacaooriginal-154592-pl.html>

reconhecido nacionalmente por suas práticas de preservação e cultivo das sementes crioulas, que estende seu reconhecimento a nível de América Latina, pela inserção dos movimentos e organizações sociais presentes no território, que se organizam também, enquanto Via Campesina.

Mapa1: Localização de Anchieta, no Brasil, Santa Catarina e Extremo Oeste



Fonte: Marcio Gazolla.²

Anchieta é um município com população estimada em 6.380³, predominantemente rural, tem sua cultura econômica voltada a produção agrícola, pecuária, produção de móveis e turismo. É um território forjado desde antes de sua municipalização por relações de resistência, com sua população oriunda de ocupações caboclas e posteriormente com o projeto de colonização com o loteamento e venda de terra, para imigrantes em suma maioria vindos do Rio Grande do Sul descendentes de Italianos, processo este que também, gerou a desterritorialização de famílias caboclas que não tinham condições financeiras de pagar pelas terras onde viviam (LOCATELLI, 2019).

O vínculo com as sementes crioulas é oriundo dos primeiros processos de ocupação e cultivo da terra no município, a fama das terras férteis dos morros, também traziam os percalços de desbravar e cultivar terras distantes, assim o cuidado coletivo e as relações de trocas, foram o que fortaleceram as práticas de produção das famílias camponesas, fundamentais para a sobrevivência da população como destaca-se na entrevista.

Minha mãe quando veio do Rio Grande do Sul, ela trouxe muitas sementes, por que naquela época ninguém usava comprar semente na agropecuária né, então como ela sabia que vinha para uma região de bastante mata, tinha dificuldade de comunicação, não tinha estrada nada, ela trouxe semente de tudo um pouco, e ela cuidava muito disso, e, e desde então desde pequena a gente ajudou a cuidar daquilo, e depois quando eu cresci comecei a ingressar nos movimentos sociais em si, a gente começou a fazer cursos, assim, no sindicato da agricultura familiar junto do MPA⁴, então a gente foi vendo a importância que tinha a semente que nós tinha na casa, na propriedade né, e daí ali que foi nascendo a grande paixão por esta semente, e a gente foi vendo assim, que o alimento da gente depende daquilo que a gente tem na

²Presente em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Localizacao-da-Regiao-e-Municipios-do-Extremo-Oeste-Catarinense-no-estado-e-pais_fig2_344417398

³ Dados do ultimo CENSO 2010. Presente em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/anchieta/panorama>

⁴ Movimento dos Pequenos Agricultores

mão, que a semente que produz alimento saudável não é aquela das grandes empresas, aquela da agropecuária, é aquela que a gente cultiva e guarda lá em casa, e semente crioula outro detalhe que, a, aprendemos no curso, que é: ela tem que estar mais de 20 anos na tua mão, ou naquela região, ela tem que ser produzida mais 20 de anos na região pra se tornar semente crioula, ela é adaptada aquele clima, aquela região, isto é semente crioula. (Companheira, 70 anos, Anchieta, 2021).

Para Maritania Rizzo (2017) as sementes “*são matéria-prima de uso comum*”, e sua utilização remontam ao processo de descoberta e desenvolvimento da agricultura pelas mulheres, que inclusive seguem exercendo um papel fundamental na preservação histórica das variedades de semente, sendo que “*as sementes agregam um conjunto de fatores que correspondem a um ecossistema organizado por fazes e etapas, de acordo com a natureza*” (RISSO, 2017.p.32). São conhecimentos populares associados a observação e relação com o espaço que estão inseridos, desenvolvendo adaptações naturais a sua estrutura para determinado clima ou região, garantindo sua perpetuação ou não pelas relações geracionais e preservação bem como valorização social das práticas de conservação.

A produção camponesa é envolvida por estes saberes populares que se territorializam junto das práticas coletivas de preservação e manutenção da produção de sementes crioulas, produção e comercialização de alimento. Necessariamente coletivas, pois dependem das relações sociais de troca de sementes, conhecimento e produtos entre famílias, povos, gerações, que mesmo sem saberem da profundidade e complexidade de tamanha trama, perpetuam uma forma não simples, e nem tão pouco fácil de resistir ao projeto desigual e explorador da natureza e do seres humanos imposto pelo sistema capitalista, que se materializa como agronegócio, por mais obscuro que este pareça, suas técnicas de exploração e expropriação são explícitas e bem definidas para toda população e gerações presentes do campo.

Como supracitado, os territórios forjados, a partir, das sementes crioulas em Anchieta, remontam sua formação embrionária, espaço forjado, também, apoiado na cultura dos povos originários e caboclos que se relacionam com a terra e com o alimento de forma a preservar e sobreviver, sendo os caboclos/as depois dos povos indígena os primeiros registros de ocupação do território Anchietaense, carregam em sua edificação na produção agropecuária, a necessidade e o cuidado de forjar estruturalmente relações de preservação histórica e cultural das sementes pautada pelas organizações e movimentos sociais.

O espaço que recebe e é lapidado também pelas relações socioespaciais históricas dos seres humanos com a natureza, da desterritorialização, ocupação e aquisição da terra, conjuntura que germina as organizações sociais que sustentam este projeto histórico de manutenção das sementes mas também da cultura de produção de alimento saudável e cuidado com a mãe terra, como um ser vivo, um ser compassivo, contraponto a estrutura importa pelo sistema capitalista que “*a partir dos interesses privados das grandes corporações capitalistas e do estabelecimento das normas legais para o patenteamento da propriedade intelectual as sementes tornaram-se um negócio.*”(CARVALHO, 2003, p. 9) assim como sementes, também a terra e as vidas tornam-se mercadoria.

As juventudes direta e indiretamente são fruto desta construção socioespacial e também construtoras, partimos aqui da organização das juventudes da Pastoral da Juventude Rural (PJR), que se articula a nível nacional e integra a Via Campesina. A PJR nasce em 1983 no Rio Grande do Sul e em Pernambuco, germina a partir do grito das juventudes camponesas em se organizarem como cristãos trabalhadores, buscando semear a justiça, a solidariedade formando consciência de classe, jovens como sujeitos atuantes na formação do seu território.

Elisa Guaraná de Castro problematiza a disputa conceitual que paira sobre o ‘ser jovem’, aprofundando seu debate ainda mais no jovem rural, que recebem desde determinações temporais, remetendo a faixa etária, ou atribuição de características ou ainda de personalidades, como a imaturidade, como aponta a autora, “*‘jovem’ como categoria de pensamento carrega o ‘peso’ da transitoriedade e, portanto, é tratado como categoria social sobre a qual se deve atuar e não percebida através das suas formas de se configurar como ator social*” (CASTRO, 2005, p. 381). No entanto, partimos de sua conclusão, da juventude como uma categoria política, pois a realidade expressada pelas territorialidades constituídas pelas juventudes em Anchieta apontam sujeitos construtores de sua organicidade, automaticamente do seu espaço vivido (LEFEBVRE, 2006).

Com um processo formador pautado na educação popular, desenvolvido nas bases da PJR (grupo de jovens nas comunidades), atividades, aprendizados, assimilações das juventudes para as juventudes, inter-relacionando-se diretamente com suas realidades, evidenciando estas juventudes como seres em plenas condições de reproduzirem suas vidas, e não como seres predispostos a condições-relações existentes e imutáveis da realidade (FREIRE, 2012).

Foto 1: Formação das Juventudes da PJR e PJMP



Fonte: Arquivo coletivo PJR e PJMP Formação com as juventudes a Pastoral da Juventude do Meio Popular e Pastoral da Juventude Rural, com as referências dos grupos de base dos Municípios de Anchieta, São Miguel do Oeste, Barra Bonita e Guaraciaba.⁵

A imagem retrata um dos processos formativos realizados junto das juventudes do campo e da cidade no Extremo Oeste de Santa Catarina, a atividade fotografada, realizada no município de Anchieta recebeu jovens que são referências do coletivo da Pastoral da Juventude Rural e Pastoral da Juventude do Meio Popular, organizados na região. A organicidade das juventudes parte do princípio de que todas os indivíduos, sejam crianças, jovens, adultos são portadores de sabedorias construídas através de sua interação na sociedade e com a natureza (FREIRE, 2012), é alicerçada nesta troca de conhecimentos, sonhos e indignações entre as juventudes, partindo das realidades concretas, dificuldades e limitações expressadas ou que corroboram nas relações sociais levantadas na sua inserção na comunidade.

Ousadamente pensemos no conceito de juventude rural como um território em disputa, pois encontra-se em transformação, onde atribui-se diferentes determinações que por vezes só buscam responder aos anseios do pesquisador ou estudo específico, no entanto é um conceito assim, como os jovens são, rebeldia-transformação-ação. Perante tal cenário não podemos afirmar que as juventudes organizadas pela PJR são um único território, nem mesmo que este processo formador se limita tão somente a comunidade, ou o grupo de base, mas sim transforma os espaços onde estas juventudes em formação se inserem.

Para Bruno Souza (2016), o conceito de juventude rural está em construção, e agregando a sua colocação ao fato de também estar em disputa, refletimos, as juventudes assim como suas comunidades, vivem a temporalidade a sua maneira, sendo moldados pela interação constante com os objetos, caracterizadas pelas variações de religiosidade, de gênero, classe, são frutos das relações socioespaciais exteriorizada em sua multiterritorialidade, e que devem caracterizar a análise da juventude rural, partindo de sua especificidade, compreendendo-as como sujeitos construtores, sensíveis mas em transformação-formação. Resultado da conflitualidade gerada pelas contradições, que assombram o conceito mas também pelas determinações predispostas pelo sistema capitalista para as juventudes que se encontram e se identificam com o campo.

Contudo podemos afirmar que as territorialidades forjadas a partir da organicidade das sementes crioulas e das juventudes da PJR são indissociáveis da formação espacial de Anchieta, bem

⁵ Nos dias 30 e 31 de março o coletivo da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP) e Pastoral da Juventude Rural (PJR) realizou em Anchieta/SC, um momento de formação com o educador, professor de sociologia, Ricardo Velho. Foto presente em: <https://www.facebook.com/JornalComunitario/photos/a.3036735719673664/3036736796340223>

como, as contradições que se expressam com o avanço do agronegócio, assim como apontam as entrevistas:

As sementes crioulas elas são importantes né, por que elas representam acima de tudo um símbolo de resistência no campo né, por que, [...] pra agricultura familiar, para os pequenos agricultores elas são muito importante, principalmente, por estar indo contra ao grande sistema, e esta expansão grande. (Jovem B, 19 anos, Anchieta, 2021)

Em torno dos anos 90 [...], os movimentos sociais sentaram e alguns companheiros e companheiras tinham na mente que, como começou bastante a questão, já era na época que começou os transgênicos, daí tinha as sementes híbridas e tudo assim, e essas sementes tinha tudo um custo alto e tinha toda uma tecnologia diferente, daquela que fomos acostumadas desde nossos avós, nossos pais [...] Como aqui nós temos uma região de pequenas propriedade, com agricultores com poucas finanças e assim, a gente viu a necessidade de, por que, nossos pais nossos avós tinham o conhecimento práticos das sementes, eles não tinham uma teoria dessas sementes, como daí nós tínhamos jovens que foram estudar, e fizeram curso de agrônomo, técnico, essas coisas né, eles tinham um pouco esse conhecimento teórico, então a gente pensou assim, que tal a gente juntar a prática com a teoria, que vai ajudar, então a gente começou a reunir as pessoas, por que do jeito que estava indo, as sementes num valor alto, na agropecuária, o pequeno agricultor nunca sobra nada, ele só depende, ele só trabalha pro banco e pra agropecuária, só que daí a gente precisa sobreviver, então que tal nós fazer, unir a prática com a teoria e resgatar essas sementes, trabalhar na produção delas, na multiplicação na divulgação das variedades, então se fez um trabalho os técnicos foram nos agricultores fazer uma pesquisa pra ver quantas variedades de sementes crioulas nós ainda tinha na Anchieta, é uma infinidade, então a gente foi fazendo o curso e pensando em, mostrar também pra sociedade, pro estado, pra nação o potencial que nós tinha em Anchieta uma comunidade pequena mas de pessoas assim om uma garra enorme pra vencer na vida né. E, então com isso a gente foi construindo as festas das sementes crioulas, aonde que tornou nosso município, nosso pequeno município conhecido em praticamente em toda a América Latina. [...] As sementes crioulas pra nós, assim, projetou nosso município tanto que hoje falando politicamente, nós temos uma comunidade um pouco melhor que não é tudo também, graças ao trabalho e conscientização que se fez com as festas das sementes crioulas, e a gente vê mais que com o passar dos tempos, no futuro os jovens os nossos adolescentes e as crianças eles terão alimento se nós cuidar dessas sementes, tá. (Companheira, 70 anos, Anchieta, 2021)

As contradições inerentes ao Sistema Capitalista que se utilizam também dos aparelhos ideológicos do Estado para se sobreporem as práticas de resistência, não podem, ou melhor não deveriam banalizara a vida e nem tão pouco negar a história dos povos e seus conhecimentos milenares como afirma Pat Roy Mooney *“As sementes como patrimônio da humanidade, semear, cultivar, colher a semente representa a vida não é privatizável”*. (MOONEY, 2003, p. 202)

A PERMANÊNCIA DAS JUVENTUDES NO CAMPO COMO RESISTÊNCIA E ESTRATÉGIA PARA ALCANÇAR OS ODS.

Partimos de Fernandes (2005), que aponta em análise que o espaço é “dimensão da realidade”, um espaço então multidimensional, formado e transformado pela relação entre os sistemas de objeto e sistema de ação como destaca Milton Santos, essa interação inerente a formação socioespacial:

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma. (SANTOS, 2020, p.63).

O ‘ser jovem’, ainda envolto desta tensão conceitual citada anteriormente, é muito sugestivo para evidenciar essas relações socioespaciais que se exprimem nas territorialidades forjadas, a partir, do reconhecer-se e resistir como sujeitos construtores das suas realidades. Pois como aponta Elisa Guaraná, ao falar em juventude, ao reconhecer-se está também *“acionando formas de classificação*

que implicam relações entre pessoas e entre classes sociais, relações familiares e relações de poder.” (CASTRO, 2012, p.441).

Reconhecer sua importância no território do campo é o que se almeja com este subtítulo, remeto-me as considerações finais, feita pela “Jovem A”, que expressa com indignação essas relações, os choques geracionais, e a necessidade de acolher as juventudes como seres aptos a forjarem as condições reais de sua existência, pois assim como fala Gramsci “*Os jovens são como a infantaria ligeira [...] que assalta a velha cidade trêmula para fazer surgir de sua ruína a própria cidade*” (GRAMSCI, 2020, p.20), deixemos as juventudes esculpirem o novo junto de sua transformação coletiva, pois é para além da concepção de futuro, do amanhã, o jovem é expressão viva do hoje.

Parece que é uma ofensa você querer cuidar do planeta, querer comer comida saudável, mas a gente vê essa discriminação do capital por todos os lados, é bem complicado de lidar quando este pensamento está impregnado. (Jovem A, 18 anos, Anchieta, 2021).

O poder envolvido na manutenção da propriedade privada, cerne deste sistema capitalista, revela as condições predispostas as comunidades e famílias no campo e conseqüentemente para as juventudes, que encontram-se ainda tuteladas pelos pais e por vezes com pouca ou quase nenhuma abertura de construção na propriedade e nas relações familiares, por isso a necessidade gritante de organizar a juventude.

Vivendo no interior e sendo alvo né, deste agronegócio nas pessoas e nas famílias, é difícil tu não ver né, sempre tem o veneno, sempre tem estas sementes que são transformadas no laboratório, então é bem complicado, por que a gente não tem outro meio né, e como, as vezes a gente não tem muita voz dentro da família, também não tem muito como mudar muito essa realidade, mas vejo como muito importante as sementes crioulas, muito rico, muito bonito toda esta história que ela carrega. (Jovem A, 18 anos, Anchieta, 2021).

O avanço dilacerador do projeto do capital para o campo, que na realidade em análise é o agronegócio, entranhasse nas estruturas do estado para garantir a perpetuação e transmutação necessária para sua sobreposição as práticas de resistência. As juventudes do campo, assim como da cidade, voltam-se para o capital como uma pauta em discussão, como um componente a formar e forjar a sua maneira, construindo ao longo da história do Brasil, assim como em sua disputa conceitual, determinações que as colocam como dependentes ou ainda como transitória, no entanto, ela também expressa o amanhã, a continuidade e por isso o agronegócio se ocupa em costurar através das estruturas os caminhos propostos para este povo, que venham a perpetuar as relações de exploração característicos do capitalismo, tanto no campo quanto na cidade.

Assim como destacam as jovens entrevistadas, desde as relações que forjam as territorialidades das juventudes, até a necessidade de fortalecer as práticas de resistência para a manutenção e preservação do espaço são também sujeitas a intervenção das estruturas de dominação do agronegócio.

Os jovens por serem a geração que vem, seriam, quem vai tocar as propriedades das famílias, então por isso que eles são importantes, e é importante fazer que eles percebam a importância das sementes crioulas e também queiram fazer parte disso, mas é complicado levando em consideração que o avanço que o capital e o agronegócio, tanto em músicas, quanto na mídia, em tudo que a gente vê, assiste ele tá sempre ali reforçando a ideia do veneno do lucro acima de tudo né. (Jovem A, 18 anos, Anchieta, 2021)

Ainda complementa a ‘Jovem B’ que é fundamental a inserção e apropriação por parte das juventudes do legado histórico de resistência das sementes crioulas, pois assim como o envelhecimento do campo causado pelo êxodo rural das juventudes, outras práticas vão se perdendo:

A juventude, ela tem um grande papel, por que vemos hoje que o conhecimento das sementes crioulas é voltado para as pessoas mais velhas, por que elas cuidaram de tudo isto, e ali, como, ai como desafio eu sinto que tem muito, esse, esse embate do agronegócio né, nós vemos hoje aqui na região estruturas de educação que seriam pra ser voltadas né então a, a juventude né, e construir então eles de forma voltada a agricultura familiar, e que tem tomado muito o rosto, tem tomado muito a forma do agronegócio [...] um grande desafio, não temos voltado, voltado pra juventude um projeto que se constrói pra sementes crioulas né, pra eles saberem utilizarem as

sementes crioulas, pra eles poderem também saber plantar de forma da agricultura familiar ali, é tudo mais voltado pro agronegócio, e as juventudes precisam ter um papel mais protagonista nesta parte das sementes crioulas, eu vejo muito aqui na cidade que não temos uma sucessão familiar muito firmada, então geralmente tem um êxodo do campo pra cidade e não tem essa sucessão, então é, é perigoso que acaba por se perder essa, essa questão toda das sementes crioulas com o passar dos anos sem esse incentivo. (Jovem B, 19 anos, Anchieta, 2021)

Podemos aqui relacionar o semear e perpetuar as variedades de sementes crioulas, e o trabalho de conscientização mas também de luta pelas estruturas que garantam a permanência das juventudes do campo como indispensável. Permanecer no campo diante do avanço do agronegócio, também é um ato de resistência. Não é novidade os impactos devastadores gerados por este processo de produção capitalista, na natureza e com as relações que está envolve, e assim como os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) nos chama atenção, é urgente a e preciso construir novas relações que estejam empenhadas *“a proteger o planeta da degradação, sobretudo por meio do consumo e da produção sustentáveis, da gestão sustentável dos seus recursos naturais e tomando medidas urgentes sobre a mudança climática, para que ele possa suportar as necessidades das gerações presentes e futuras. (ONU, 2015, p.2)”*

Dos desafios colocados nos ODS, o olhar para as juventudes e a construção de sua permanência e pertença a terra, e o zelo e perpetuação, bem como valorização dos produtores de sementes crioulas contribuiriam. Entender a importância de pautar nossa relação com o espaço e a transformação do mesmo, exigindo que esta ocorra de forma consciente e não de forma degradante é indiscutível e imprescindível.

Pois assim como a multiterritorialidade, os objetivos e desafios postos não serão respondidos isoladamente, mas sim com uma transformação profunda e estrutural das relações de produção e sociais no mundo.

O desenvolvimento sustentável reconhece que a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, o combate às desigualdades dentro dos e entre os países, a preservação do planeta, a criação do crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável e a promoção da inclusão social estão vinculados uns aos outros e são interdependentes. (ONU, 2015, p.5)

Todos os 17 objetivos do desenvolvimento sustentável questionam nossas práticas capitalistas de viver e se relacionar com a natureza e seus recursos, alguns dos quais citarei aqui se relacionam direta ou indiretamente com os temas analisados, como erradicar a pobreza⁶ e a fome, sendo que as populações seguem sendo expulsas de suas terras, ou ainda seguem na luta por demarcação dos territórios como é o caso dos povos indígenas, que quando nos referimos as sementes crioulas são responsáveis pelos seus conhecimentos milenares, como garantir a segurança alimentar e vida saudável provocados nos Objetivo 2 e 3, se as políticas de recursos estão voltadas para o agronegócio e para a produção camponesa a uma escassez de recursos.

É evidente que os sistema capitalista é incompatível com parte dos objetivos colocados como desafio a Agenda 2030, visto que são preocupações postas resultado do desenvolvimento desenfreado e irresponsável do capital diante do mundo, e que são os desafios postos aos projetos de resistência, e especialmente as juventudes, pois se forjam em luta por novas relações de gênero e geracionais, e com o planeta terra, pois assim como apontam os objetivos a seguir, estamos em uma corrida pela garantia do futuro, e não me refiro tão somente as juventudes e as novas relações sociais pautadas na igualdade e justiça, mas sim especialmente ao planeta que abriga toda a biodiversidade.

Objetivo 15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade

⁶ Objetivo 1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares; Objetivo 2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável; Objetivo 3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos; Objetivo 5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas (ONU, 2015, p.18)

Objetivo 16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis (ONU, 2015, p.19).

Contudo evidenciamos a necessidade de enquanto sociedade organizada ou não compreendermos a necessidade de transformações efetivas em nossas vidas, que perpassam a permanência das juventudes no campo, mas especialmente compreende-las como sujeitos construtores, e assim construir junto delas processos de formação e de assimilação das práticas e conhecimentos históricos de preservação não só das sementes crioulas em suas diversas variedades, mas como relacionar-se com a natureza, com a mãe terra de forma fraterna e humana. Compreender o campo como o lugar de vida que és, evidenciando sua importância estrutural na produção de alimento e de subsistência local e nacional, mas especialmente pautar junto com as juventudes e famílias camponesas o acesso as condições de viver e trabalhar com dignidade no espaço do campo, possibilitando o acesso à educação, cultura e saúde de qualidade.

A DESIGUALDADE SOCIAL NO CAMPO E A ESTEREOTIPAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE AVANÇO DO AGRONEGÓCIO

A desigualdade social e de acesso à terra, cultura, educação saúde e etc., é algo inerente ao sistema capitalista, visto que este precisa da divisão social entre as classes sociais e de gênero, ou ainda da manutenção da relação do pobre e do rico, do opressor e do oprimido para sua perpetuação. As territorialidades determinadas a partir da apropriação do espaço que ocorrem dentro das relações de sobrevivência, ou ainda da relação do trabalho, da interação do ser humano com o espaço que o abriga, transformando-o para garantir sua sobrevivência, forjando assim os territórios, que como o espaço podem ser materiais e imateriais.

No que tange as territorialidades do campo, essas relações de desigualdade são facilmente destacadas, considerando que o agronegócio e seu relacionamento com a natureza e seus recursos dão-se de forma predadora, alimentando condutas inconsequentes por parte da população camponesa, que agridem não só a terra e esvaem de sua fertilidade mas também a vida da população e animais que coexistem no território em questão.

Para Claude Raffestin “toda construção da realidade, é um instrumento de poder” (RAFFESTIN, 1993, p.145), as relações de apropriação e de resistência que manifestam-se como território, são assim como destaca Fernandes (2009) territórios diversos, que sim, são demarcações que compõe um território de governança, mas também abraçam as diferentes dimensões e disputas que caracterizam a formação das territorialidades, sejam no campo material ou imaterial, fruto das relações dos sujeitos entre si e com o espaço.

Diante da imponência que se apresenta o agronegócio para a sociedade, especialmente no período histórico em que vivemos, com o avanço e fortalecimento da produção commodities, e com a “sacralização do agronegócio a qualquer custo, presente de forma indelével pela concepção de mundo dominante, facilitou, sobretudo, a intencionalidade e indiferença social e ambiental na exploração dos trabalhadores rurais e no uso e degradação dos recursos naturais do país” (CARVALHO, 2014, p.21). Esta constituição de poder do agronegócio é fruto de um emaranhado de relações e de apropriação de espaços materiais e imateriais, com o intuito de advogar sobre as relações de produção e comercialização em os seus níveis de desenvolvimento como aponta a “Jovem A”.

O grande sepador é o dinheiro o capital que está envolvido né, que ele sempre se sobressai, e é, é aterrorizante pensar por que, é, você vai lucrar mil reais a mais, mas você vai ter que destruir e matar um monte, mas tanto faz desde que você consiga este dinheiro, mesmo que ano que vem você não vai conseguir plantar neste lugar por que vai estar todo contaminado e tudo mais, e a tua água vai estar contaminada, mas desde que você consiga este dinheiro este ano né. (Jovem A, 18 anos, Anchieta, 2021).

Na conversa com a “Companheira” ela destaca esta disputa no âmbito do espaço imaterial onde o agronegócio também se apropria dos mecanismos de formação e informação massivos para a construção de sua narrativa e territorialização:

O avanço é em grande [...] eles tem os meios de comunicação, eles tem tudo, eles tem o poder econômico, eles tem tudo nas mãos deles né, e nós só temos a nossa boa vontade, e nossa vontade de querer continuar o projeto, levar a diante o projeto, nós sabemos que um projeto que vai construir a vida pro nosso povo, é o projeto dos movimentos sociais, e a gente tem dificuldades grandes, e mas que o agronegócio

cada dia está avançando mais, e a gente tá, não sei se é porque a gente tem uma idade que a força física está se, se terminando assim, mas a gente percebe que cada dia tá pior, hem por que eles conseguem com os meios de comunicação na mão, eles conseguem fazer a cabeça dos jovens das crianças, a escola a educação ela é voltada pra aquela realidade que eles querem por lá nas cabeças das crianças. (Companheira, 70 anos, Anchieta, 2021)

Não nos enganemos, a desigualdade social também é um projeto do capitalismo, cuidar do planeta e da vida não é sua preocupação, ou ao menos não se sobressai diante da preocupação de lucro frenético, vejamos todas as relações de poder que forjam este sistema e suas estruturas foram forjadas fundamentalmente na exploração ou expropriação, a concentração da terra e produção de monocultura (commodities) à custa do endividamento e expulsão de pequenas famílias do campo, a transgenia, modificação genética das sementes à custa do roubo do material genético das sementes crioulas preservadas milenarmente pelos camponeses e comunidades tradicionais (MOONEY, 2003).

Para Lewer (2019), quando tece sua análise sobre a adesão do pacote da Revolução Verde, onde que para o autor este insere-se na realidade pautada por relações autoritárias e excludentes, onde as próprias estruturas que deveriam garantir o desenvolvimento econômico saudável e consciente, se preocupa em facilitar a modernização da produtividade agrícola, voltada especialmente, ou ainda quase que exclusivamente para os grandes produtores, fortalecendo o agronegócio e a desigualdade social no campo.

[...] o Estado, sobretudo, o responsável por adotar uma política homogênea para uma realidade tão distinta e heterogênea, tendo as suas mais diversas instituições articuladas em função de uma agenda de desenvolvimento que estabeleceu um conjunto de políticas que transformaram a realidade rural brasileira em um espaço de exclusão social e fértil ao capital. (LEWER, 2019, p.46)

A estereotipação da população do campo uma construção social que enquanto sociedade não conseguimos superar, nem se quer problematizar dentro das relações de reprodução da vida, especialmente no que diz respeito as juventudes é um elemento que historicamente ajuda a determina a permanência e a pertença das mesmas a terra (CASTRO, 2012).

O “atraso” relacionado de forma preconceituosa ao camponês que por um logo período de tempo garantiu e a inda interfere nas relações entre o campo e a cidade, polarizando-a, e que agora com a modernização tecnológica de produção se volta também para as práticas de produção dos camponeses e camponesas, e que em deliberado momento influência na adaptação dos mesmos ao mercado, automaticamente gerando sua exclusão ou precarização.

Esta contradição estrutural aperfeiçoada constantemente pelo sistema capitalista e seu projeto de produção do agronegócio, também se evidencia na correlação de força entre os projetos de resistência em Anchieta.

Aqui na cidade é bem perceptível este embate entre as sementes crioulas e também o agronegócio, inclusive ela, ela é, ela é algo bem, que acaba se tornando assim, algo bem contraditório né, digamos assim [...] acaba virando meio que uma disputa né sabe, uma questão de embate mesmo, e o agronegócio tem sim avançado muito, principalmente pela questão que eu comentei anteriormente sobre o êxodo né, é muito mais fácil você gerir uma propriedade com poucas pessoas né, com pasto, com monocultura né muito maior do que gera uma, por conta da quantidade de pessoas que precisa pra tá ali cuidando de uma pequena, de uma rocinha pequena, fazendo o plantio o cuidado de várias culturas né [...] e por conta disso o agronegócio vai tomando conta né, vai se infiltrando, vai se embrechando, e acaba que esse pessoal com mais poder acaba comprando pequenas propriedades forçando as pessoas a voltar pra cidade, e acaba que vira tudo uma lavoura de soja ou pecuária né, e acaba virando tudo grande monocultura que vai gerar lucro pra uma pessoa enquanto as pessoas da cidade precisam trabalhar muito mais pra garantir o alimento. (Jovem B, 19 anos, Anchieta, 2021).

A maior violência história no território que se inventa Brasil, é a desterritorialização, que desde os povos originários, que lhes foram negados a terra mas também a humanidade, vem se garantindo a perpetuação destas relações de opressão e de exclusão de quem quer plantar, cuidar e amar a mãe terra, com o objetivo unicamente de enriquecer uns poucos à custa de muitas vidas e sonhos, mas especialmente à custa da vida do Planeta Terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Semear, cultivar, ver crescer e se fortalecer o que mais significativo do que esta relação presente tanto na perpetuação, cuidado e preservação das sementes crioulas, mas também, nas juventudes, que sim, por serem jovens são o esperar coletivo da construção junto das gerações que as dão vida de novas relações, que sejam pautadas no amor, no cuidado mas especialmente na justiça, relações pautadas no antipatriarcalismo, na igualdade de gênero, novas relações com a mão terra pautadas na agroecologia, compreendendo a natureza como um ser vivo.

Contudo ao debater sobre as sementes crioulas que também são expressão de poder, de poder na mão do povo, de conhecimento fundido na práxis das famílias camponesas, falamos em perpetuação em insurgência-rebelião. E em falar de rebelião, o que mais rebelde que permanecer no campo quando a sociedade te induz ainda jovem em desbravar o ilusório e o inserto. Resistir é uma necessidade, é uma tarefa coletiva, “*A manutenção do campo como entidade social e cultural é uma responsabilidade coletiva que, além de desafiar a prepotência das transnacionais, tem a ver com um projeto de sociedades justas e igualitárias*”(LEÓN, 2003 , p.225).

As territorialidades forjadas em Anchieta-SC, tanto na produção e preservação das sementes crioulas como com o processo de formação das juventudes pela PJR, resistem a este avanço do agronegócio alicerçado nas estruturas do Estado, não havia de ser diferente, o Estado é capitalista, a assim, permanência dos jovens e sua pertença a terra, bem como o domínio, a “propriedade intelectual” das sementes crioulas nas mãos do povo que molda essas territorialidades é enfrentamento, e quando enfrentamos estamos sentimos o peso morfológico esmagador desta estrutura excludente.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Horácio Martins de. **As lutas sociais no campo: modelos de produção em confronto**. In: CALDART, Roseli Salete; ALENTEJANO, Paulo. MST - Universidade e Pesquisa. 1.ed. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2014.
- CARVALHO. Horacio Martins de, **Sementes Patrimônio do povo a serviço da humanidade**. São Paulo: Expressão Popular. 2003. Disponível em : <https://docero.com.br/doc/s8v8x5c>, acessado em 06/07/2021 às 22h30
- CASTRO, Elisa Guaraná de. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2005.
- CASTRO. Elisa Guaraná de, Juventude do Campo. In: CALDART; Roseli Salete, et. Al. (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191.pdf> Acesso em: 19 de outubro de 2021
- FREIRE. Paulo, Princípios do Trabalho Popular. In: PELOSO. Ranulfo (org.) **Trabalho de base: seleção de roteiros organizados pelo Cepis**. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. (21-31)
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais**. Revista NERA número 6, 2005, P. 14-34.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Entrando nos territórios do Território**. In Campesinato e Território em disputas. Paulino, Eliane Tomiasi & Fabrini, João Edmilson (Org.) São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Sobre a tipologia de territórios**. In Saquet, Marcos Aurélio. Sposito, eliseu Savério (Orgs.) Territórios e Territorialidades. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- GRANSCI, Antonio. **Odeio os indiferentes: escritos de 1917**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do Espaço**. Tradução Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 2006.
- LÉON, Irene. **Mulher, vida e sementes**. In: CARVALHO. Horacio Martins de, Sementes Patrimônio do povo a serviço da humanidade. São Paulo: Expressão Popular. 2003. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/s8v8x5c>, acessado em 06/07/2021 às 22h30
- LEWER. Rafael Fernando, **Agricultura E Produção De Sementes Crioulas No Brasil Dependente**, dissertação UDESC – 2019.
- MOONEY, Pat Roy. **Capacidade de recuperação, resistência, arrependimentos... e reclamações. Algumas questões importantes da luta de 1/4 de século por sementes e soberania**. In: CARVALHO. Horacio Martins de, Sementes Patrimônio do povo a serviço da humanidade. São Paulo: Expressão Popular. 2003. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/s8v8x5c>, acessado em 06/07/2021 às 22h30
- Organização das Nações Unidas. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. New York: ONU, 2015
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993

RISSO, Maritania Andretta, **A estética das sementes crioulas e a recuperação das sementes crioulas nas áreas da reforma agrária no Brasil e no México**. Dissertação (mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe. São Paulo: IPPRI/UNESP, 2017

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. HARVEY, David. Diecisiete contradicciones y el fin del capitalismo. Quito: IAEN. 2014. Disponível em: acesso em 13 de febrero de 2021.

SOUZA, Bruno Lacerra de, **A reprodução social nos assentamentos de reforma agrária: os desafios e perspectivas dos jovens do Assentamento Reunidas em Promissão/SP**. Dissertação (mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe. São Paulo: IPPRI/UNESP, 2016.

LOCATELLI, Angela Regina. **Resgate das sementes crioulas em Anchieta – SC (1996 – 2002): processo histórico e ecos,**

Revista Santa Catarina em História – Florianópolis – UFSC – Brasil ISSN 1984-3968, v.13, n.1, 2019, presente <https://nexos.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/2445/0>